

- O saldo comercial brasileiro em setembro voltou a superar a marca de US\$ 3 bilhões.
- As exportações ficaram mais uma vez próximas de US\$ 9 bilhões, com crescimento de 22,6% em relação ao mesmo mês de 2003. A taxa de crescimento registrada foi a mais baixa desde abril.
- As importações alcançaram US\$ 5,75 bilhões, com incremento de 24,7% em relação a setembro do ano passado.
- Mais uma vez, os preços comandaram o crescimento das exportações no mês, com ganho de 13,7% em relação a setembro de 2003, uma variação bem superior à do *quantum*, que foi de 7,7%.
- No acumulado dos últimos 12 meses, os preços comandam também o crescimento das vendas de básicos e semimanufaturados, mas nos manufaturados o fator preponderante é o aumento do *quantum*.
- Está havendo, porém, um aumento expressivo dos preços dos manufaturados, provavelmente como reação à valorização da taxa de câmbio.
- O crescimento do valor importado é comandado pelo aumento das quantidades, que cresceram 12,4% em comparação com setembro de 2003 e acumulam alta de 17,9% no ano.
- O efeito dos preços, embora significativo, tem sido preponderante apenas nas importações de combustíveis.
- O crescimento do *quantum* importado de bens intermediários, de 21,3% em 12 meses, está respondendo diretamente à expansão da produção industrial doméstica.
- Os dados mais recentes, inclusive os do mês de outubro, continuam sinalizando para exportações de US\$ 95 bilhões, importações de US\$ 62 bilhões e saldo comercial de US\$ 33 bilhões em 2004.
- A queda das cotações do dólar em setembro provocou valorização real da moeda brasileira diante de todos os principais parceiros comerciais do país, e queda também da rentabilidade das exportações.
- A seção “Destaque” apresenta uma comparação entre a evolução das exportações brasileiras e a do comércio mundial no biênio 2003-04.

DESTAQUE: As exportações brasileiras e a evolução do comércio mundial

Os fluxos mundiais de comércio vêm tendo um desempenho excepcional nos últimos dois anos. Em 2004 devem alcançar um crescimento de 18%, segundo projeções do FMI, após terem crescido cerca de 16% em 2003. Esta expansão tem ocorrido em todos os países e regiões do mundo, embora esteja sendo muito mais intensa entre os países em desenvolvimento (cujas importações tiveram crescimento de 21,9% em 2003, com expectativa de 22,2% para 2004) do que entre os países avançados (14,5% e 17,1%).

Este crescimento é ainda mais notável porque vem se dando, pela primeira vez em muitos anos, com expansão tanto das quantidades quanto dos preços. Com efeito, os preços médios das transações, medidos em dólares correntes, tiveram um aumento de 10,4% em 2003 e estima-se que chegue a 8,5% em 2004, após terem se mantido estáveis ou em queda durante pelo menos sete anos.¹

Estas informações não deixam dúvidas de que o ótimo desempenho recente das exportações brasileiras está, em grande parte, relacionado a este contexto mundial favorável. De fato, é improvável que o país conseguisse expandir suas vendas em quase 60% em apenas dois anos na ausência de um crescimento expressivo da demanda externa. Entretanto, não é correto limitá-lo a este fator. Isto porque o Brasil foi capaz de expandir suas exportações a um ritmo mais rápido do que o das importações mundiais – em 2003 houve crescimento das vendas brasileiras de 21,8% e, em 2004, de 33,1% (até setembro). Como resultado, o país foi capaz de elevar sua

¹ Dados extraídos do *World Economic Outlook* do FMI, edição de setembro de 2004.

participação nas exportações mundiais para acima de 1% pela primeira vez desde os anos 80 – embora este valor esteja bem abaixo do pico de 1,4% registrado em meados daquela década (Gráfico 1).

Também não se pode dizer que este ganho se deva apenas à melhoria dos preços internacionais das *commodities* exportadas pelo país. Em 2003, o índice de *quantum* das exportações brasileiras teve crescimento de 15,7%, contra 5,1% do total mundial. E em 2004, a taxa até setembro é de 19,3% no Brasil, contra uma expansão mundial estimada em cerca de 9%. Na verdade, deve-se ter em conta que os ganhos recentes de preço apenas compensam, parcialmente, as perdas ocorridas nos anos anteriores. Na verdade, quando se considera o efeito total, observa-se que a evolução dos preços nos últimos seis anos foram extremamente prejudiciais ao comércio brasileiro, inclusive em termos de reduzir o *market-share* do país no comércio mundial. Basta notar que se os preços das transações comerciais internacionais tivesse se mantido no mesmo nível verificado em 1998 – ou seja, considerando apenas variações no *quantum* de comércio – o *market-share* do país teria alcançado 1,3% em 2004, 0,22 ponto percentual acima do verificado. Isto significaria, em valores correntes, exportações acima de US\$ 110 bilhões no ano.

O crescimento das vendas brasileiras no biênio 2003-2004 também vem superando o ritmo verificado nas exportações de diversos grupos de países. A Tabela 1 mostra que a taxa brasileira deve ficar em pouco mais de 25%, superior à estimada para o mundo (17,4%), para os países desenvolvidos (15,5%) e também para os em desenvolvimento (22,1%). O desempenho é também superior ao referente aos países asiáticos e latino-americanos, e similar aos do Leste Europeu. O contraste com o período 1999-2002 é nítido: naquele, o desempenho das exportações brasileiras foi similar ao do mundo e bem inferior ao dos países em desenvolvimento, inclusive os da América Latina.

Gráfico 1

**Participação das exportações
brasileiras no comércio mundial (%)**

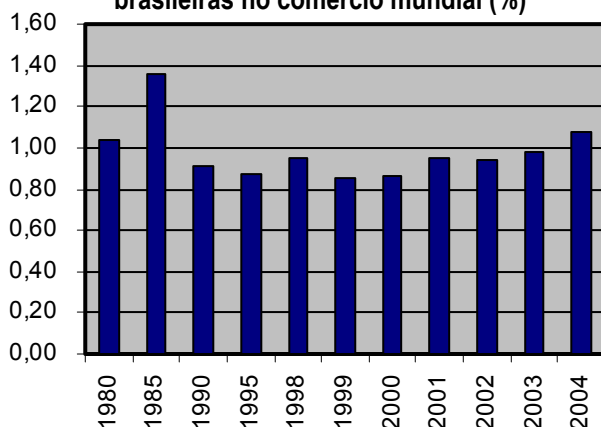


Tabela 1

Crescimento das exportações em períodos selecionados (%)

	Média 1999-2002	Média 2003-2004
Brasil	4,2	25,5
Mundo	4,3	17,4
Países desenvolvidos	2,2	15,5
Países em desenv.	9,6	22,1
Ásia	10,4	21,4
América latina	4,9	15,5
Leste Europeu	8,6	25,9

Fontes: Funcex e FMI.

Outro aspecto interessante, mostrado na Tabela 2, é que o ganho de *market-share* entre 2002 e 2004 se deu em todos os principais países e regiões, com exceção do Japão, onde ele se manteve virtualmente estável. Destaca-se o forte crescimento nos mercados da União Européia, da China e da Argentina. Deve-se lembrar ainda que, embora o *market-share* brasileiro seja muito baixo entre os Demais Países, há alguns para os quais as exportações brasileiras vêm crescendo em ritmo acelerado – casos de México (crescimento de 72% entre 2002 e 2004), Venezuela (63%), Oriente Médio (83,7%) e Europa Oriental (77,8%).

Mais uma vez, o desempenho no biênio contrasta com o ocorrido entre 1998 e 2002, quando o *market-share* não passou de 0,95%. Além disso, o desempenho relativo aos principais países e regiões não foi homogêneo, com ganhos de *market-share* nos Estados Unidos, na China, na Argentina e no Chile e perdas significativas na União Européia e no Japão – principalmente devido à forte queda das cotações internacionais das *commodities* exportadas pelo país, visto o enorme peso que estes produtos têm na pauta de exportações para estes mercados.

Tabela 2
Evolução do *market-share* do Brasil em mercados selecionados (%)

	1998	2002	2004
União Européia	2,08	1,53	2,20
EUA	1,08	1,33	1,35
China	0,64	0,85	1,06
Argentina	21,49	26,05	33,32
Japão	0,78	0,62	0,61
Chile	5,57	9,18	11,14
Demais Países	0,45	0,57	0,63
Mundo	0,92	0,92	1,06

Fonte: Funcex e FMI.

Em resumo, pode-se afirmar que o bom desempenho das exportações brasileiras nos anos de 2003 e 2004 não reflete apenas o comportamento favorável da demanda mundial, seja em termos de quantidade, seja em termos de melhores preços das *commodities*. Ele também incorpora aspectos estruturais que têm levado o país a ter um desempenho superior ao dos demais grupos de países, inclusive os asiáticos, e a ganhar *market-share* em praticamente todos os principais mercados mundiais. Entre estes fatores destacam-se o alcance de novos mercados e o aumento da importância das exportações no faturamento da indústria – o coeficiente de exportação da indústria brasileira passou de 11% em 1998 para 16% em 2003, segundo dados recentemente calculados pela Funcex, e deve subir para 18% em 2004.

Os bons resultados colocam o país diante de alguns importantes desafios nos próximos anos, entre os quais se destacam: (i) permanecer nesta trajetória de aumento de seu peso no comércio mundial, o que significa ganhar ainda mais espaço nos mercados de maior parte, como Europa, Estados Unidos e China, bem como recuperar seu share no mercado japonês; (ii) continuar promovendo a busca de mercados novos e com grande potencial de expansão de vendas em prazos relativamente curtos; e (iii) preservar o interesse do setor industrial em voltar-se cada vez mais para a atividade de exportação, incorporando-a definitivamente na cultura empresarial do país.

Desaceleração dos fluxos de comércio em setembro

O saldo comercial brasileiro em setembro voltou a superar a marca de US\$ 3 bilhões. As exportações ficaram mais uma vez próximas de US\$ 9 bilhões, com crescimento de 22,6% em relação ao mesmo mês de 2003, e as importações alcançaram US\$ 5,75 bilhões, com incremento de 24,7%. Este, aliás, foi o segundo maior valor mensal de importações da história do país, atrás apenas do verificado em julho de 1997.

As taxas de crescimento no mês são as mais baixas desde abril, implicando uma pequena redução das taxas de crescimento acumuladas no ano em relação às verificadas até agosto. Ainda assim, as taxas permanecem elevadas: 33,1% nas exportações e 29,1% nas importações. Na verdade, parte da desaceleração pode ser atribuída ao menor número de dias úteis de setembro deste ano (21) em relação a setembro de 2003 (22). Levando-se em conta as médias diárias, o

crescimento das exportações no mês sobe para 28,4% e o das importações para 30,6%.

Também entre as classes de produtos o crescimento do valor exportado em setembro desacelerou-se em relação à tendência dos últimos meses. Nos produtos básicos, a variação no mês em relação ao mesmo mês do ano passado foi de 16,4%, ao passo que no acumulado do ano até agosto a taxa era de 46,5%. Nos manufaturados, o crescimento em setembro foi de 24,3%, contra 32,8% do acumulado do ano até agosto. A única exceção foram os semimanufaturados, que cresceram 24,3%, superando os 22,3% do acumulado no ano até agosto. (**Tabela 3**)

Entretanto, quando se consideram as médias diárias, observa-se que o crescimento dos manufaturados sobe para 30,2% em relação a setembro de 2003, o que significa que não houve, de fato, uma desaceleração significativa. Já nos básicos, o crescimento na média diária sobe para 21,9%, ainda assim bem inferior à tendência anterior.

Quanto às importações, sua taxa de crescimento em 12 meses continua em ascensão, tendo alcançado 25,5% em setembro (**Tabela 6**). Em termos de médias diárias, o crescimento em setembro foi novamente superior ao verificado tanto no acumulado do ano quanto no acumulado em 12 meses até agosto.

Entre as categorias de uso, o destaque continua sendo os bens intermediários, cujo valor importado cresceu 31,7% em setembro em relação ao mesmo mês de 2003 e acumulam variação de 29,6%, a taxa mais elevada entre todas as categorias de uso. Os combustíveis são a categoria que registra o maior crescimento do valor importado no acumulado janeiro-setembro de 2004 (43,2%) e a segunda mais alta nos últimos 12 meses (27,8%).

As importações de bens de consumo duráveis e não-duráveis têm crescimento apenas razoável, de 8,8% e 15,4%, respectivamente, nos últimos 12 meses. Já os bens de capital vêm tendo um comportamento bastante instável ao longo dos meses. Basta ver que seu valor importado teve crescimento de apenas 3,1% em setembro em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em agosto, ele havia crescido 45,9% e em julho havia tido queda de 3,1%.

Crescimento das exportações na margem é comandado pelos preços

Mais uma vez, a variação dos preços respondeu por uma parcela expressiva do aumento das exportações no mês. Na verdade, a **Tabela 1** mostra que os preços tiveram ganho de 13,7% em relação a setembro de 2003, uma variação bem superior à do *quantum*, que foi de 7,7%. No acumulado dos últimos 12 meses, os preços têm aumento de 10,1% e o *quantum* cresce 17,7%.

O efeito positivo dos preços continua sendo muito expressivo no caso dos produtos básicos, cujo ganho em setembro foi de 14,8% em relação ao mesmo mês do ano passado, e também nos semimanufaturados, que tiveram aumento de 19,6%. Em ambos, estas taxas foram muito superiores às referentes ao *quantum*, que teve crescimento de apenas 1,2% no primeiro caso e de 3,8% no segundo.

A **Tabela 1** mostra que também no acumulado em 12 meses os aumentos de preço dominam o comportamento das exportações destes produtos. Nos básicos, o ganho de preços neste período é de 20,8%, contra 14% de aumento de *quantum*; nos semimanufaturados, os preços sobem 10,8% e o *quantum*, 6,8%.

Os manufaturados têm sido a exceção, cujo crescimento nos últimos 12 meses é determinado basicamente por um aumento de 23,2% do quantum, com ganho de apenas 4,5% nos preços. Na margem, os manufaturados já são responsáveis por quase toda a expansão das quantidades exportadas pelo país.

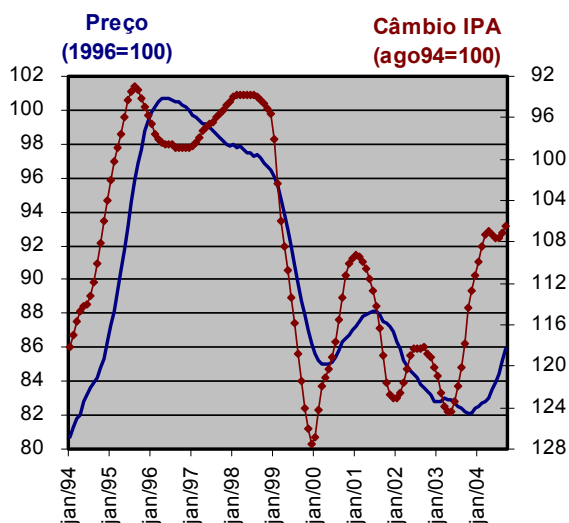
De qualquer modo, os ganhos recentes de preço nestes produtos têm sido também expressivos. Em setembro eles tiveram alta de 11,2% em comparação com setembro do ano passado, taxa similar à do *quantum* (11,8%). Na verdade, a magnitude deste ganho de preço é de certa forma surpreendente, dado tratarem-se de bens com preços relativamente rígidos e pouco sensíveis a oscilações de oferta e demanda, como acontece com as *commodities*.

A explicação para este fenômeno parece estar no repasse (parcial) das variações da taxa de câmbio para os preços, com uma lógica muito simples: quando a moeda estrangeira torna-se mais cara (desvalorização do real), os exportadores podem oferecer seus produtos a preços mais baixos no exterior sem prejudicar sua margem de lucro. Já quando o câmbio se valoriza, eles procuram recompor suas margens através de aumentos de preço.

O **Gráfico A** permite observar a estreita relação que existe entre o índice de preços de exportação dos manufaturados e a taxa de câmbio real (deflacionada pelo IPA, ver **Tabela 7**). Com efeito, todos os grandes movimentos dos preços destes produtos foram precedidos por movimentos inversos da taxa de câmbio real. Por exemplo, nos anos de 1998-99 e de 2001-2002 houve desvalorização cambial acompanhada por queda de preços. Já nos períodos de 1994 a 1996 e de 2000 a meados de 2001 houve valorização real do câmbio, acompanhada por um aumento de preços. Este último movimento está ocorrendo novamente desde o final de 2003 até o presente. Na verdade, dada a magnitude da valorização recente, pode-se esperar que os aumentos de preços dos manufaturados perdurem ainda por algum tempo.

Gráfico A

Preços de exportação de manufaturados e câmbio real (Média móvel de 12 meses)



Importações continuam em forte recuperação

O crescimento do valor importado continua sendo determinado primordialmente pelo aumento das quantidades, que cresceram em setembro 12,4% ante setembro de 2003 e acumulam alta de 17,9% no ano. Embora o resultado do mês possa indicar uma desaceleração do crescimento, o ajuste para dias úteis mostra um crescimento de 17,7%, similar ao ritmo verificado até agosto.

Os preços, por sua vez, voltaram a registrar aumentos expressivos, a exemplo do que aconteceu nas exportações. Em setembro último eles ficaram 10,9% acima dos níveis de setembro de 2003, e já acumulam ganho de 6,1% nos últimos 12 meses.

Com relação às importações de bens intermediários, a maior parte do crescimento também é dado pela expansão das quantidades, que cresceram 17,7% no mês e acumulam taxa de 21,3% em 12 meses. Entretanto, os ganhos de preço também tem sido expressivos, sendo de 11,9% na comparação de setembro com o mesmo mês do ano passado e de 6,5% em 12 meses.

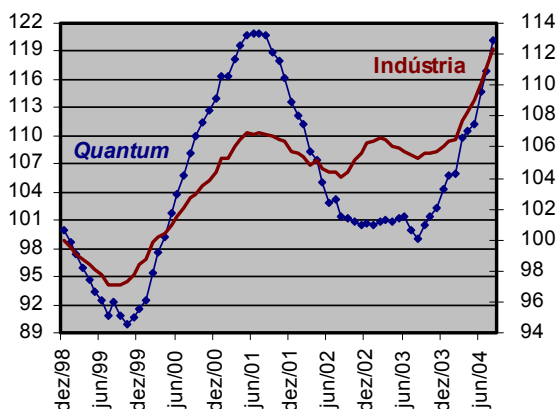
O crescimento do *quantum* importado de bens intermediários relaciona-se, normalmente, ao crescimento da produção industrial doméstica, com uma elasticidade em torno de 3. E é exatamente isto que vem acontecendo, conforme ilustra o **Gráfico B**. Nos 12 meses até agosto, a indústria cresceu 6,5% e as

quantidades importadas tiveram expansão de 21,4%, ou seja, 3,2 vezes maior.

É verdade que em 2002 e no primeiro semestre de 2003 havia ocorrido um certo descolamento das séries, com aumento da produção industrial e estagnação do *quantum* de intermediários. Mas, conforme argumentado em Boletins anteriores, isto parecia ser um episódio atípico, fruto da forte desvalorização real do câmbio no período. Com efeito, a normalização das cotações cambiais a partir do segundo semestre de 2003 revigoraram a correlação positiva entre estas duas variáveis.

Gráfico B

Produção industrial e *quantum* de importação de bens intermediários (Média móvel de 12 meses) (Dez/98=100)



O preço tem sido o fator preponderante no crescimento das importações de combustíveis, com aumento de nada menos que 40% em setembro e de 18,1% em 12 meses. Já o *quantum* teve queda de 10,7% no mês e acumula aumento de apenas 7,6% em 12 meses, a taxa mais baixa entre todas as categorias de uso.

No caso dos bens duráveis, o crescimento é determinado pelo *quantum* que acumula expansão de 11,8% no período, ao passo que os preços têm queda de 2,1%. Já nos bens não-duráveis há expansão do *quantum* (9,3%) e também algum aumento de preços (5,5%).

Quanto aos bens de capital, a evolução do *quantum* destes produtos, que cresceu 12,3% em setembro e acumula 17% nos últimos 12 meses, evidencia que já há, de fato, uma recuperação significativa dos níveis de investimento doméstico. Os preços, por seu lado, têm apresentado fortes flutuações mês a mês, com o índice variando de um índice mínimo de 74,3 em novembro de 2003 para 86,9 em março,

86,3 em julho e voltando a cair para 76,0 em setembro. Este comportamento errático é determinado, muito provavelmente, por uma grande variação dos tipos de produtos que são importados a cada mês.

Perspectivas para a balança comercial

As exportações mantiveram um ritmo forte em outubro, apesar de já não ser um período sazonalmente favorável, registrando uma média diária de US\$ 442,2 milhões – a segunda maior do ano, significando um crescimento de 34,4% em relação à média de outubro de 2003. O valor total chegou a US\$ 8,8 bilhões, com aumento de 16,9% em comparação com o mesmo mês do ano passado – a taxa não foi maior apenas porque houve três dias úteis a menos em outubro último. No acumulado dos últimos 12 meses, as exportações têm crescimento de 29,9%.

É bem provável que o ritmo de crescimento das exportações esteja alcançando agora seu ponto mais elevado, com a taxa acumulada em 12 meses na casa de 30% a.a. – a maior dos últimos 16 anos (**Tabela 3**). Daqui em diante, a combinação de preços de exportação menos favoráveis com perda de dinamismo do *quantum* deve conduzir a um crescimento mais moderado, talvez na casa de 15% ao longo do próximo ano. Este será comandado basicamente pelos bens manufaturados, mas mesmo estes tendem a sofrer, em breve, uma desaceleração em relação ao nível atual (cerca de 23% a.a.) por conta de restrições de capacidade produtiva doméstica.

Por sua vez, as importações alcançaram seu recorde mensal histórico em outubro, ficando em US\$ 5,8 bilhões, o que significou um aumento de 16,1% em relação a outubro de 2003. A média diária, de US\$ 291,8 milhões, foi também a mais elevada de todos os tempos. No acumulado dos últimos 12 meses, o crescimento do valor importado já é de 25,2%. De fato, a manutenção do crescimento da economia e a aceleração dos níveis de consumo e investimento domésticos devem continuar conduzindo a um ritmo elevado de crescimento, com um detalhe importante: o crescimento das compras externas deve se tornar mais forte entre os bens de consumo e de capital, e menor entre os bens intermediários. Vale destacar que só agora o país está retomando os níveis de importação alcançados há mais de seis anos atrás – embora o PIB esteja cerca de 13% acima do registrado naquela época.

Estes dados continuam sinalizando para exportações de US\$ 95 bilhões e importações em torno de US\$ 62 bilhões em 2004, gerando um saldo na casa de US\$ 33 bilhões.

Câmbio real e rentabilidade das exportações

A moeda norte-americana atingiu em setembro a menor cotação média desde janeiro, ficando em R\$ 2,89, o que representa uma queda de 3,7% em relação ao mês anterior e de 1,1% na comparação com setembro de 2003. Por conta disso, a moeda brasileira registrou valorização real em relação às moedas de todos os nossos principais parceiros comerciais. A **Tabela 7** mostra que a valorização em relação a agosto, considerando-se o índice de preços no atacado como deflator, foi de 4,4% diante do dólar e de 4,1% em relação à cesta de 13 moedas. Já em comparação com os níveis de setembro do ano passado, a valorização acumulada é de 8,5% em relação ao dólar e de 6,2% diante da cesta de moedas. A menor valorização é observada em relação às moedas da Europa (2,6%), devido à expressiva valorização do euro diante das demais moedas.

Na verdade, o índice de câmbio real referente à cesta de 13 moedas em setembro ficou abaixo do registrado em dezembro de 1998, ou seja, antes da flutuação do câmbio – é a primeira vez que isto acontece desde o início do novo regime cambial. O principal motivo é a valorização da moeda brasileira em relação aos países da Aladi, que acumula 18,3% no período. Com relação ao dólar e às moedas da Europa, contudo, ainda persistem desvalorizações reais de, respectivamente, 6,6% e 8,7%.

Já quando se consideram os índices de preço como deflator, o quadro é bem diferente. A moeda brasileira apresenta desvalorização real de 47,3% diante da cesta de moedas desde dezembro de 1998, sendo de 76,1% em relação às moedas da Europa e de 72,7% diante do dólar. Em relação às moedas dos países da América Latina, ainda há valorização, mas bem menor: 8,2%. Em setembro último, porém, o movimento foi similar aos índices deflacionados pelo IPA: a **Tabela 8** mostra que houve valorização real da moeda brasileira em relação a todos os principais parceiros, chegando a 3,4% no caso da cesta de moedas.

Na mesma direção, o índice de rentabilidade das exportações também registrou queda em setembro, de 4% em relação a agosto, acumulando 2,6% desde setembro de 2003 (**Tabela 9**). O índice também atingiu seu nível mais baixo desde dezembro de 1998, reduzindo seu ganho desde então para apenas 1,8%.

Informações disponíveis até 05/11/2004

BOLETIM FUNCEX DE COMÉRCIO EXTERIOR

Ano VIII - Nº 10, OUTUBRO DE 2004

Tabela 1

Índices de Preço e *Quantum* das Exportações Totais e por Classes de Produtos

Base: média 1996 = 100

Período	Exportações Totais		Classe de Produtos						
			Básicos		Semimanufaturados		Manufaturados		
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	
Anual									
2000	84,6	136,4	74,5	141,6	87,7	112,6	87,0	141,5	
2001	81,6	149,4	68,3	188,9	78,5	121,9	86,9	143,4	
2002	77,9	162,3	65,5	217,6	74,9	139,0	82,8	150,8	
2003	81,5	187,7	72,3	246,2	83,4	152,4	82,4	182,3	
Mensal									
set 03	81,8	224,0	74,8	308,0	83,1	173,6	81,3	214,2	
out 03	82,6	230,6	77,7	310,2	83,0	177,8	81,1	224,8	
nov 03	82,7	181,9	78,7	207,3	82,9	137,2	81,4	192,9	
dez 03	84,2	201,6	79,2	210,7	85,8	174,5	83,3	212,9	
jan 04 *	85,5	170,5	80,2	219,0	87,2	157,6	83,9	160,6	
fev 04 *	86,1	167,1	81,2	201,1	86,2	142,5	84,4	168,7	
mar 04 *	87,3	228,3	83,4	296,6	86,9	171,6	85,1	227,7	
abr 04 *	89,2	185,7	87,3	219,4	91,4	120,6	85,6	201,9	
mai 04 *	91,6	217,9	87,8	296,1	94,1	149,5	88,5	217,7	
jun 04 *	92,4	253,9	88,9	383,7	94,2	179,5	88,6	235,3	
jul 04 *	92,4	244,6	87,5	320,4	98,6	190,6	88,8	242,7	
ago 04 *	92,8	245,4	85,7	349,3	97,1	174,4	90,5	233,9	
set 04 *	93,0	241,3	85,9	311,6	99,4	180,2	90,4	239,5	
Variação percentual								(%)	
set 04 / ago 04	0,2	(1,7)	0,2	(10,8)	2,4	3,3	(0,1)	2,4	
set 04 / set 03	13,7	7,7	14,8	1,2	19,6	3,8	11,2	11,8	
Acumulado no ano	11,2	19,3	21,5	16,7	11,6	9,4	5,8	23,8	
Acumulado 12 meses	10,1	17,7	20,8	14,0	10,8	6,8	4,5	23,2	

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

Tabela 2

Índices de Preço e *Quantum* das Exportações por Categorias de Uso

Base: média 1996 = 100

Período	Categoria de Uso									
	Bens de capital		Intermediários		BC duráveis		BC não duráveis		Combustíveis	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
Anual										
2000	104,7	200,2	82,6	123,6	83,5	203,8	78,2	135,7	128,7	142,8
2001	119,5	172,7	77,2	134,2	80,8	219,0	73,7	166,5	112,7	378,9
2002	114,8	162,5	73,7	148,2	77,9	225,9	68,4	182,0	114,5	534,1
2003	104,1	188,7	79,1	171,4	74,5	301,6	71,7	205,0	135,7	572,7
Mensal										
set 03	94,9	218,5	80,0	204,9	73,4	384,7	73,1	238,8	140,4	702,6
out 03	93,3	251,2	81,5	208,9	74,6	396,8	74,7	235,6	133,6	732,3
nov 03	92,9	221,5	82,0	154,1	73,2	347,0	75,1	212,2	137,5	525,4
dez 03	108,8	255,9	82,1	171,2	72,9	324,5	74,6	230,2	133,2	683,0
jan 04 *	105,4	165,0	84,1	156,1	72,8	275,4	76,1	182,6	132,1	585,9
fev 04 *	104,7	193,0	83,9	147,4	74,5	274,9	77,6	184,8	143,7	536,9
mar 04 *	104,2	274,2	86,2	201,5	72,9	378,6	77,3	251,3	141,0	685,6
abr 04 *	104,4	232,1	88,8	163,0	73,5	330,0	78,0	210,2	144,7	453,7
mai 04 *	117,0	260,5	91,1	191,6	71,9	387,8	78,3	230,0	147,0	708,1
jun 04 *	105,4	297,5	92,1	232,3	72,4	423,4	79,1	249,1	168,8	774,2
jul 04 *	105,2	300,1	92,0	220,6	72,9	452,6	80,6	249,4	165,8	633,4
ago 04 *	107,4	277,8	92,3	211,4	72,7	474,7	80,0	275,8	167,7	813,7
set 04 *	108,3	267,3	92,7	222,1	72,9	445,8	79,8	266,0	163,6	361,5
Variação percentual										(%)
set 04 / ago 04	0,8	(3,8)	0,4	5,1	0,3	(6,1)	(0,3)	(3,6)	(2,4)	(55,6)
set 04 / set 03	14,1	22,3	15,9	8,4	(0,7)	15,9	9,2	11,4	16,5	(48,5)
Acumulado no ano	0,8	47,7	14,2	14,7	(2,5)	35,0	11,2	17,8	12,3	12,6
Acumulado 12 meses	(1,5)	41,6	13,1	13,4	(3,0)	34,2	11,1	16,3	10,6	12,5

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

Tabela 3
Valor das Exportações Totais e por Classes de Produtos

US\$ milhões FOB

Período	Exportações Totais	Classe de Produtos		
		Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
Anual				
2000	55.086	12.561	8.499	32.528
2001	58.223	15.343	8.244	32.900
2002	60.362	16.952	8.966	32.998
2003	73.084	21.179	10.944	39.653
Mensal				
set 03	7.280	2.281	1.034	3.837
out 03	7.566	2.387	1.058	4.014
nov 03	5.980	1.616	817	3.455
dez 03	6.748	1.652	1.074	3.905
jan 04 *	5.799	1.740	985	2.970
fev 04 *	5.722	1.617	881	3.138
mar 04 *	7.927	2.452	1.070	4.269
abr 04 *	6.590	1.898	791	3.808
mai 04 *	7.941	2.576	1.009	4.244
jun 04 *	9.328	3.380	1.213	4.595
jul 04 *	8.992	2.777	1.348	4.748
ago 04 *	9.056	2.966	1.215	4.695
set 04 *	8.923	2.654	1.285	4.770
Variação percentual				(%)
set 04 / ago 04	(1,5)	(10,5)	5,8	1,6
set 04 / set 03	22,6	16,4	24,3	24,3
Acumulado no ano	33,1	42,1	22,5	31,7
Acumulado 12 meses	30,1	38,1	19,0	29,3

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

Tabela 4
Valor das Exportações por Categorias de Uso

US\$ milhões FOB

Período	Categoria de Uso				
	Bens de capital	Intermediários	BC duráveis	BC não duráveis	Combustíveis
Anual					
2000	8.216	33.413	3.363	9.161	932
2001	8.084	33.880	3.497	10.595	2.166
2002	7.309	35.723	3.479	10.749	3.102
2003	7.694	44.328	4.440	12.683	3.940
Mensal					
set 03	683	4.463	466	1.253	415
out 03	772	4.631	488	1.262	411
nov 03	678	3.437	419	1.143	304
dez 03	917	3.826	390	1.233	383
jan 04 *	570	3.576	330	999	324
fev 04 *	663	3.368	338	1.031	323
mar 04 *	936	4.734	454	1.398	404
abr 04 *	794	3.941	400	1.180	274
mai 04 *	999	4.753	459	1.295	435
jun 04 *	1.027	5.831	505	1.418	547
jul 04 *	1.035	5.527	544	1.447	439
ago 04 *	978	5.317	568	1.587	571
set 04 *	948	5.610	536	1.528	247
Variação percentual					(%)
set 04 / ago 04	(3,1)	5,5	(5,6)	(3,7)	(56,7)
set 04 / set 03	38,8	25,7	15,0	21,9	(40,5)
Acumulado no ano	49,2	31,5	31,6	31,4	25,4
Acumulado 12 meses	40,0	28,8	30,3	29,5	24,0

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

BOLETIM FUNCEX DE COMÉRCIO EXTERIOR

Ano VIII - Nº 10, OUTUBRO DE 2004

Tabela 5

Índices de Preço e *Quantum* das Importações Totais e por Categorias de Uso

Base: média 1996 = 100

Período	Importações Totais		Categoria de Uso										
			Bens de capital		Intermediários		BC duráveis		BC não duráveis		Combustíveis		
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	
Anual													
2000	90,6	115,4	86,3	107,8	82,3	140,5	92,3	74,6	86,1	84,6	147,8	80,1	
2001	87,7	118,9	83,6	125,1	81,1	140,1	96,1	76,0	80,2	83,0	131,6	82,7	
2002	84,8	104,4	81,3	102,4	79,5	124,0	88,6	51,3	74,4	81,6	123,4	77,7	
2003	90,0	100,5	81,3	84,5	83,6	128,7	91,8	42,2	76,7	78,8	149,9	66,6	
Mensal													
set 03	89,9	115,4	82,7	90,1	82,6	146,7	95,2	49,0	78,7	89,1	147,3	87,1	
out 03	88,8	127,2	74,5	139,0	84,1	149,1	92,1	49,9	77,3	92,4	145,5	95,6	
nov 03	90,6	105,4	74,3	98,2	85,8	131,3	93,4	38,9	82,6	81,8	149,1	71,9	
dez 03	91,5	98,0	83,5	85,5	84,8	130,8	88,2	39,2	81,1	85,3	154,7	44,4	
jan 04 *	91,0	104,3	79,0	70,0	85,0	138,5	90,2	42,8	72,7	71,8	160,9	75,4	
fev 04 *	93,8	90,0	84,2	73,6	86,8	118,8	78,6	53,9	83,5	63,0	164,9	51,6	
mar 04 *	93,8	128,0	86,9	84,9	85,9	176,2	90,2	47,0	77,4	98,7	169,0	76,6	
abr 04 *	95,0	109,6	78,7	87,5	88,8	138,2	87,0	48,7	76,7	75,9	175,6	83,9	
mai 04 *	95,5	113,7	80,8	85,4	88,8	141,1	87,9	56,2	75,8	88,4	176,9	90,9	
jun 04 *	100,2	123,9	86,3	84,3	92,5	167,0	87,6	58,2	78,3	86,7	192,3	81,3	
jul 04 *	98,2	126,2	78,7	91,5	91,3	167,5	90,3	59,2	81,3	90,4	188,5	82,1	
ago 04 *	100,0	126,5	81,1	93,3	92,1	172,0	89,9	47,0	79,8	89,3	202,9	75,3	
set 04 *	99,7	129,7	76,0	101,2	92,4	172,7	89,4	58,4	80,5	94,4	206,3	77,8	
Varição percentual												(%)	
set 04 / ago 04	(0,3)	2,5	(6,3)	8,5	0,3	0,4	(0,6)	24,3	0,9	5,7	1,7	3,3	
set 04 / set 03	10,9	12,4	(8,1)	12,3	11,9	17,7	(6,1)	19,2	2,3	5,9	40,1	(10,7)	
Acumulado no ano	7,2	20,1	(1,6)	11,6	7,4	22,9	(4,4)	24,6	4,0	10,7	21,3	18,3	
Acumulado 12 meses	6,1	17,9	(2,9)	17,0	6,5	21,3	(2,1)	11,8	5,5	9,3	18,1	7,6	

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

Tabela 6

Valor das Importações Totais e por Categorias de Uso

US\$ milhões FOB

Período	Importações Totais	Categoria de Uso				
		Bens de capital	Intermediários	BC duráveis	BC não duráveis	Combustíveis
Anual						
2000	55.783	9.678	32.426	1.886	4.136	7.657
2001	55.582	10.876	31.882	2.002	3.781	7.040
2002	47.232	8.667	27.665	1.245	3.449	6.206
2003	48.260	7.152	30.158	1.061	3.428	6.460
Mensal						
set 03	4.613	649	2.834	106	331	692
out 03	5.025	901	2.931	105	338	750
nov 03	4.249	635	2.633	83	319	579
dez 03	3.989	622	2.591	79	327	370
jan 04 *	4.219	480	2.752	87	247	652
fev 04 *	3.752	539	2.411	96	249	458
mar 04 *	5.335	641	3.541	96	362	696
abr 04 *	4.631	599	2.868	96	276	792
mai 04 *	4.825	600	2.931	111	318	865
jun 04 *	5.519	632	3.610	115	322	840
jul 04 *	5.509	626	3.576	121	348	832
ago 04 *	5.623	658	3.703	95	338	822
set 04 *	5.751	669	3.732	118	360	862
Varição percentual						(%)
set 04 / ago 04	2,3	1,7	0,8	24,2	6,5	4,9
set 04 / set 03	24,7	3,1	31,7	11,3	8,8	24,6
Acumulado no ano	29,1	9,0	32,4	17,9	15,3	43,2
Acumulado 12 meses	25,5	12,6	29,6	8,9	15,4	27,8

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração FUNCEX.

Tabela 7
Índices de Taxa de Câmbio Real e de Taxa de Câmbio Efetiva Real
Utilizando o IPA como deflator

Base: agosto 1994 = 100

Período	R\$/US\$	R\$/Iene	R\$/ALADI *	R\$/Europa *	R\$/Cesta de 13 moedas *
Anual					
2000	121,1	99,4	118,6	93,8	109,6
2001	140,5	99,4	131,8	105,2	123,1
2002	147,1	99,9	97,1	118,5	120,1
2003	126,1	88,0	92,9	117,7	111,2
Mensal					
set 03	120,2	83,9	89,0	111,4	105,9
out 03	118,3	85,8	88,6	112,8	105,8
nov 03 *	119,1	87,3	90,2	114,6	107,2
dez 03 *	118,7	88,1	89,4	119,8	108,4
jan 04 *	115,6	86,5	88,0	119,5	106,7
fev 04 *	117,2	87,9	89,3	122,1	108,5
mar 04 *	115,7	84,7	88,8	117,0	106,1
abr 04 *	115,5	84,7	88,7	113,3	105,0
mai 04 *	123,5	84,8	92,6	119,4	110,5
jun 04 *	123,9	86,8	91,3	120,2	110,7
jul 04 *	118,3	83,5	87,9	116,7	106,5
ago 04 *	115,1	80,6	86,2	113,2	103,6
set 04 *	110,1	77,3	83,1	108,5	99,4
Varição do índice de SETEMBRO/04 em relação ao período indicado (%)					
set 04 / ago 04	(4,4)	(4,1)	(3,6)	(4,2)	(4,1)
set 04 / set 03	(8,5)	(8,0)	(6,7)	(2,6)	(6,2)
Acumulado 12 meses	(13,9)	(9,1)	(8,8)	(5,1)	(9,5)

Fonte: Elaboração FUNCEX

Obs.:

(*) Ver estrutura de ponderação no Apêndice Metodológico

Gráfico 1
Evolução da Taxa de Câmbio Real e da Taxa de Câmbio Efetiva Real
Utilizando o IPA como deflator

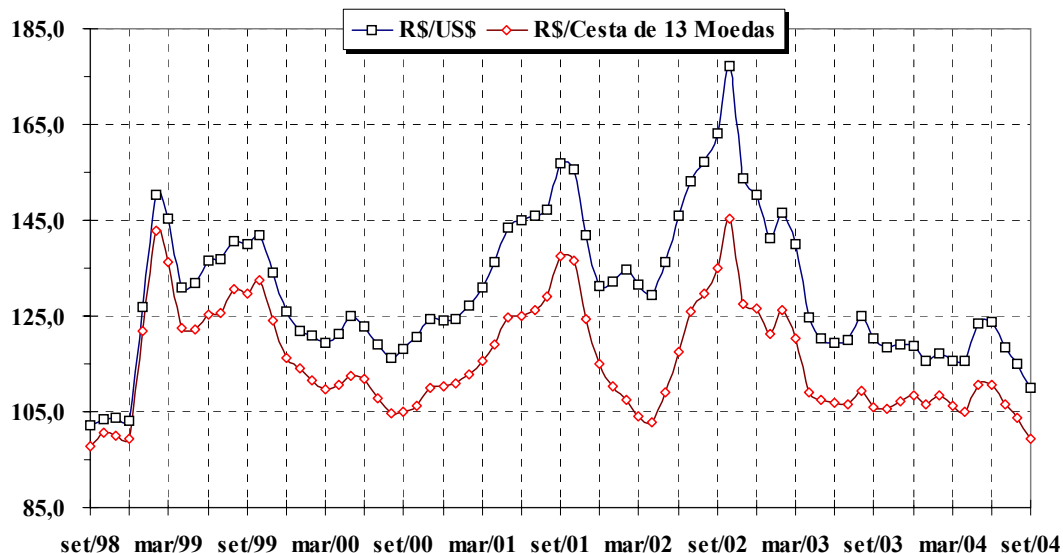


Tabela 8
Índices de Taxa de Câmbio Real e de Taxa de Câmbio Efetiva Real
 Utilizando o IPC como deflator

Base: agosto 1994 = 100

Período	R\$/US\$	R\$/Iene	R\$/ALADI *	R\$/Europa *	R\$/Cesta de 13 moedas *
Anual					
2000	125,6	102,2	113,5	93,5	109,9
2001	155,0	108,0	133,2	111,4	130,9
2002	180,3	119,4	85,1	138,0	132,3
2003	170,8	118,6	85,4	152,7	134,4
Mensal					
set 03	160,8	112,0	81,2	142,6	126,6
out 03	157,0	115,0	81,1	145,2	126,4
nov 03 *	158,9	116,5	82,4	147,5	128,2
dez 03 *	158,6	118,0	81,0	155,0	129,7
jan 04 *	153,8	115,1	80,1	153,8	127,4
fev 04 *	158,5	117,9	81,3	158,9	130,8
mar 04 *	157,4	114,3	81,1	152,8	128,5
abr 04 *	157,4	115,4	81,8	149,6	128,1
mai 04 *	167,7	116,7	85,3	158,9	135,1
jun 04 *	168,6	120,4	85,0	161,1	136,1
jul 04 *	162,4	115,9	82,2	157,1	131,7
ago 04 *	159,5	112,8	80,0	153,5	128,8
set 04 *	153,5	108,7	78,0	148,2	124,4
Varição do índice de SETEMBRO/04 em relação ao período indicado (%)					
set 04 / ago 04	(3,7)	(3,6)	(2,6)	(3,5)	(3,4)
set 04 / set 03	(4,5)	(3,0)	(4,0)	3,9	(1,7)
Acumulado 12 meses	(14,2)	(8,2)	(8,3)	(3,5)	(9,0)

Fonte: Elaboração FUNCEX

Obs.:

(*) Ver estrutura de ponderação no Apêndice Metodológico

Gráfico 2
Evolução da Taxa de Câmbio Real e da Taxa de Câmbio Efetiva Real
 Utilizando o IPC como deflator

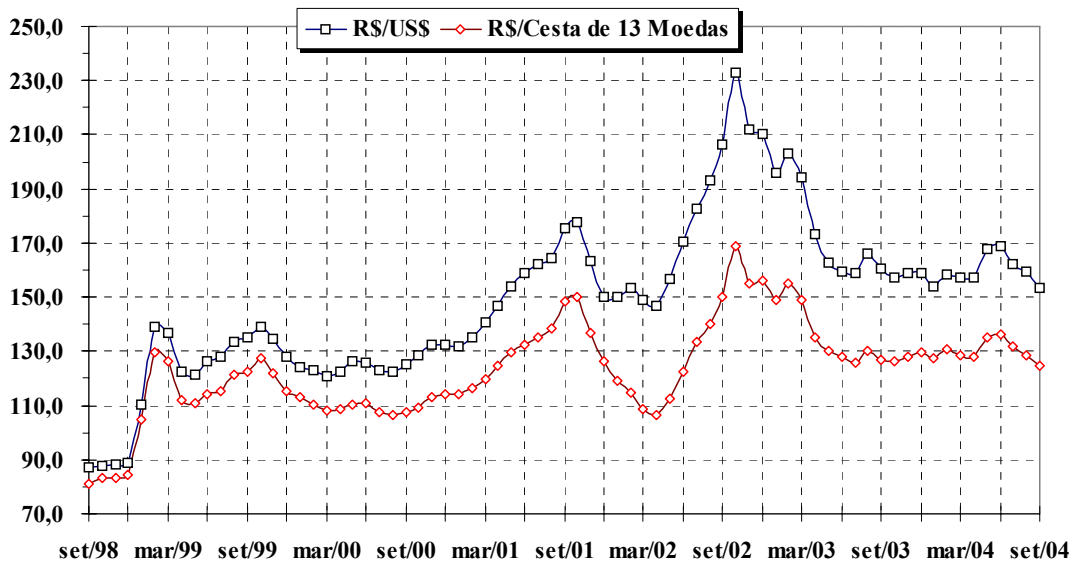


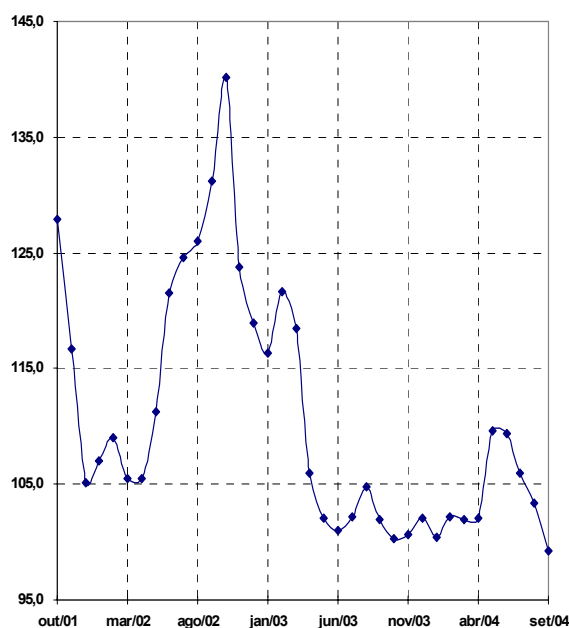
Tabela 9
Índice de Rentabilidade das Exportações
- Exportações Totais -

Base: agosto 1994 = 100

Período	Exportações Totais
Anual	
1999	116,5
2000	107,2
2001	118,2
2003	118,7
Mensal	
set 03	101,9
out 03	100,4
nov 03 *	100,6
dez 03 *	102,1
jan 04 *	100,4
fev 04 *	102,2
mar 04 *	101,9
abr 04 *	102,0
mai 04 *	109,6
jun 04 *	109,4
jul 04 *	105,9
ago 04 *	103,4
set 04 *	99,2
Varição do índice de SETEMBRO/04 em relação (%)	
set 04 / ago 04	(4,0)
set 04 / set 03	(2,6)
Acumulado 12 meses	(8,9)

Fonte: Elaboração FUNCEX

Gráfico 3
Evolução do Índice de Rentabilidade
- Exportações Totais -
Base: agosto 1994 = 100



Apêndice Metodológico

Taxa de Câmbio Real

O índice da Taxa de Câmbio Real (R\$/US\$ e R\$/Iene) é calculado com base na respectiva taxa de câmbio nominal média do mês (BACEN-Venda) corrigida de duas formas: (i) pela relação entre o correspondente índice de preços atacadista externo (US-Wholesales Price ou IPA-Japão) e o índice de preços atacadista doméstico (IPA-DI da FGV); (ii) pela relação entre o correspondente índice de preços ao consumidor externo e o índice de preços ao consumidor doméstico (IPC-DI da FGV).

Taxa de Câmbio Efetiva Real

O índice da Taxa de Câmbio Efetiva Real (R\$/ALADI, R\$/Europa e R\$/Cesta de 13 moedas) é calculado com base nas taxas de câmbio reais dos países que compõem a respectiva cesta, ponderadas pela participação média de cada país na corrente de comércio (exportação e importação) do Brasil. Foram utilizadas três ponderações: até dezembro/94 com base no período 1992/94, de janeiro/95 a dezembro/99 com base no período de 1995/98 e a partir de janeiro/2000 utiliza base 2000/01. Os respectivos vetores de ponderação atuais são:

Aladi: Argentina (63,3); Uruguai (6,3); Paraguai (5,7); Chile (11,6) e México (13,1).

Europa: Alemanha (30,3); França (15,6); Itália (17,6); Holanda (14,6); Reino Unido (12,0) e Bélgica (9,8).

Cesta de 13 Moedas: EUA (35,6); Japão (7,0); Alemanha (9,6); França (4,9); Itália (5,6); Holanda (4,6); R. Unido (3,8); Bélgica (3,1); Argentina (16,3); Uruguai (1,6); Paraguai (1,5); Chile (3,0) e México (3,4).

Índice de Rentabilidade das Exportações Totais

O índice de rentabilidade das exportações totais é calculado a partir da taxa de câmbio nominal média do mês (R\$/US\$) corrigida pela relação entre o índice de preço das exportações totais e o índice de custo para o total das exportações.

O índice de custo total agrega 31 setores elaborados a partir da estrutura de custos dos setores produtivos derivada da Matriz Interindustrial de 1995 do IBGE (MRI-95). O índice de custo de cada setor é calculado com base na participação dos insumos de procedência nacional, dos insumos importados e dos salários e encargos, conforme derivada da matriz. Os índices de preços associados a esses três componentes são: (i) os índices setoriais atacadistas divulgados pela Fundação Getúlio Vargas; (ii) o índice de preço de importação da FUNCEX multiplicada pela taxa de câmbio nominal R\$/US\$; e (iii) um índice de salário médio por hora calculado com base nos dados de salários e horas pagas totais da FIESP, respectivamente.²

Notação

Os valores assinalados em **negrito e itálico** indicam correções em relação a valores divulgados no boletim anterior.

Os valores assinalados entre parênteses indicam variações negativas.

Os meses assinalados com asterisco (*) apresentam informações ainda preliminares.

² O Texto para Discussão No.106 da FUNCEX detalha a metodologia para o cálculo dos índices de custo setoriais. A única mudança substantiva em relação ao referido Texto para Discussão diz respeito à substituição da MRI-85 pela MRI-95.